

RUBEM ALVES

O PATINHO QUE NÃO APRENDEU A VOAR

IVAN P. COUTINHO

ILUSTRAÇÕES



PAULUS

RUBEM ALVES

O PATINHO QUE NÃO APRENDEU A VOAR

IVAN P. COUTINHO

ILUSTRAÇÕES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Rubem, 1933-
O patinho que não aprendeu a voar / Rubem Alves ; (capa, diagramação,
ilustrações Ivan P. Coutinho).— São Paulo : Paulus, 1987.
(Coleção Estórias para pequenos e grandes)

ISBN 85-349-0087-4

1. Literatura infanto-juvenil I. Ivan P. Coutinho. II. Título. III. Série: Estórias
para pequenos e grandes.

87-0351

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

Coleção ESTÓRIAS PARA PEQUENOS E GRANDES

- *A operação de Lili*, Rubem Alves
- *O patinho que não aprendeu a voar*, idem
- *O medo da sementinha*, idem
- *A montanha encantada dos gansos selvagens*, idem
- *Os morangos*, idem
- *Como nasceu a alegria*, idem
- *A selva e o mar*, idem
- *A libélula e a tartaruga*, idem
- *A volta do pássaro encantado*, idem
- *A planície e o abismo*, idem
- *A árvore e a aranha*, idem
- *A história dos três porquinhos recontada por Rubem Alves*, idem
- *O decreto da alegria*, idem

Impressão e acabamento
PAULUS

16ª edição, 2004

© PAULUS – 1987
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627
Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 85-349-0087-4

Aos contadores das estórias

O mundo das crianças não é tão risonho quanto se pensa. Há medos confusos, difusos, as experiências das perdas, bichos, coisas, pessoas que vão e não voltam... O escuro da noite: o mundo inteiro se ausentou. Voltará?

Os grandes não gostam disto e inventam estórias de meninos e meninas que eram só risos. Talvez para convencerem a si mesmos de que sua própria infância foi gostosa...

Escrevi as estórias da Coleção ESTÓRIAS PARA PEQUENOS E GRANDES em torno de temas dolorosos, que me foram dados por crianças. Não é possível fazer de conta que eles não existem. Os maus espíritos, a gente os espanta chamando-os pelo seu nome real... O objetivo da estória é dizer o nome, dar às crianças símbolos que lhes permitam falar sobre seus medos. E é sempre mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que se está falando sobre flores, sapos, elefantes, patos...

Há estórias que podem ser ouvidas em disquinhos ou simplesmente lidas sozinhas... São as estórias engraçadas. Outras devem ser contadas por alguém.

Quando se anda pelo escuro do medo, é sempre importante saber que há alguém amigo por perto. Alguém está contando a estória. Não estou sozinho... Nem o livro que se lê nem o disquinho que se ouve têm o poder de espantar o medo.

É preciso que se ouça a voz de um outro que diz:

— *Estou aqui, meu filho...*

Taco era um patinho. Era amarelo e fofo como todos os patinhos, quando acabam de sair dos ovos. Mamãe pata olhava feliz para Taco e seus nove irmãozinhos.

Papai pato conversava com os amigos e dizia, orgulhoso, que seus filhos haveriam de ser lindos patos selvagens, capazes de voar muito longe, muito alto, livres...

Taco e os irmãozinhos aprenderam logo que a vida era uma gostosura.

Brincavam o dia inteiro, fazendo uma enorme gritaria, com toda a criançada da vizinhança: os sabiás, os beija-flores, os coelhinhos.

E chegaram mesmo a ficar amigos de uns peixinhos, com quem gostavam de apostar corrida, no ribeirão.





Tudo era só brincadeira até que o pai chamou todos os patinhos e, com ar muito sério, disse:

– Chegou a hora de começar o treinamento para a liberdade.

Taco perguntou logo se liberdade era coisa de comer, se era doce ou azeda. Nenhum patinho tinha ouvido esta palavra antes.

Papai pato deu uma risadinha e disse:

– Não, não é nada disto.

Liberdade é poder fazer aquilo que a gente quer muito, muito mesmo.

O que as nuvens mais querem é virar chuva. Porque a chuva faz as plantas brotarem. E as nuvens ficam felizes quando viram chuva.

O que os sabiás mais querem é começar a cantar, antes de o sol nascer, aquele canto triste e comprido, que faz com que todos os bichos fiquem felizes porque os sabiás existem. O mundo seria tão triste sem eles...





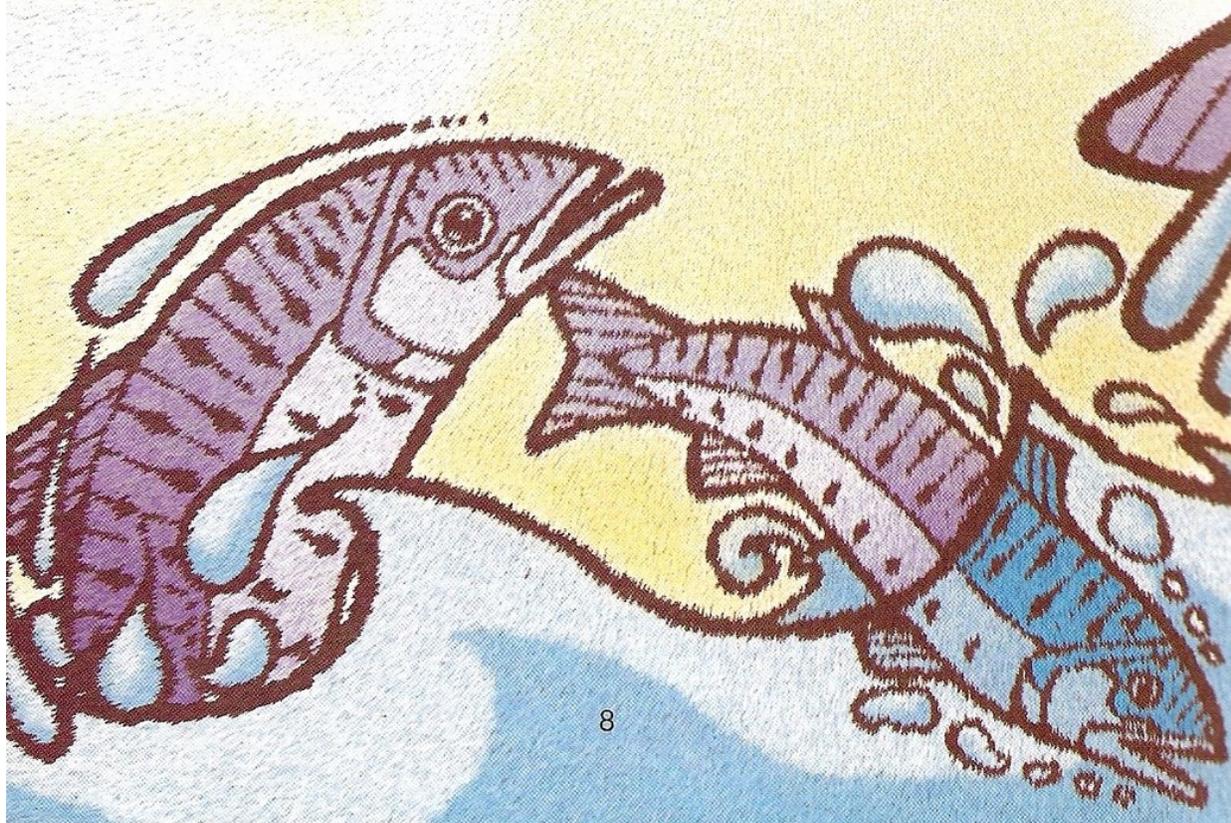
O que os beija-flores mais querem é ser capazes de bater as asas tão rápido, que ninguém vê, e ficar voando, parados, na frente das flores, sugando o seu melzinho. As flores sorriem para os beija-flores e os beija-flores sorriem para elas. E todos se sentem felizes.

O que as rosas mais desejam é tomar um banho de sol e espalhar o seu perfume...

E há um peixe que tem um desejo enorme de voltar às nascentes do rio onde nasceu. E para voltar a este lugar encantado ele é capaz mesmo de saltar sobre cachoeiras...

– E nós, que é que nós mais queremos? – perguntou um dos irmãozinhos.

– Nós somos patos selvagens. Nosso desejo mais fundo, a coisa que mais queremos, é voar. Voar alto. Voar muito alto.





Vocês verão, quando crescerem um pouco mais. Vocês sabem o que é saudade? Saudade é uma coisa que a gente sente quando alguém muito querido partiu e está muito longe. Saudade dói. Às vezes a gente chora de saudade. Pois bem: isto, que nós patos selvagens sentimos, se parece com saudade. Do mesmo jeito que o peixe faz tudo para voltar ao lugar onde nasceu, nós fazemos tudo para chegar às alturas. Nós nascemos para viver nas alturas.

Lá no alto, é maravilhoso, continuou o pai. Às vezes, de tarde, o sol vai se pondo, escondendo-se atrás das montanhas. As nuvens vão ficando vermelhas. Todos os bichos vão voltando para suas casas. As árvores, as matas, as montanhas, o vento, tudo está quietinho. Como se estivesse rezando. Só se ouve o flap-flap das nossas asas. E a gente sente que aquele momento é a coisa mais bonita da vida inteira...

Taco desatou numa gargalhada.

– Que é que é isto, papai? Voar, nestas alturas? Aqui embaixo está tão bom. Eu não sei voar e não quero aprender a voar. Corro muito bem, brinco de pique, sei nadar, me divirto à beça com a meninada... Que coisa mais gostosa pode existir na vida? Não existe nada que eu troque por uma brincadeira de esconde-esconde com os coelhos e os pardais...

O papai pato parou de sorrir.

Seus olhos ficaram tristes.

Ele pensou antes de falar.

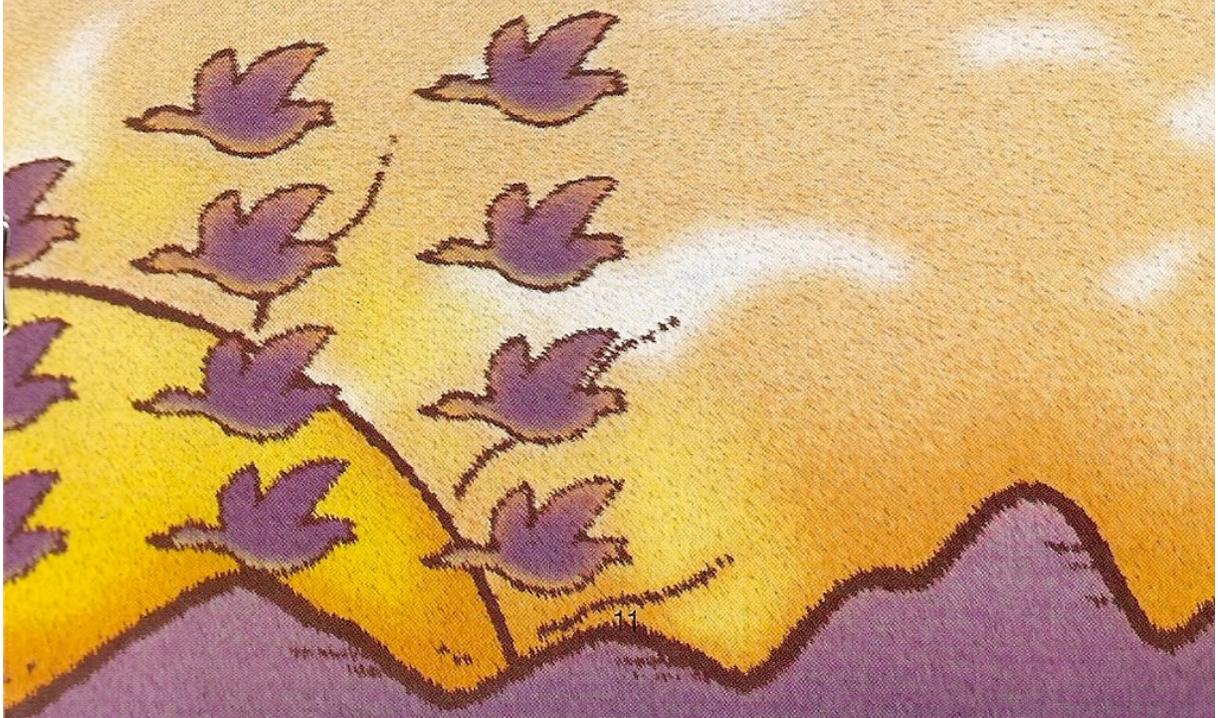
– Eu não queria falar sobre isto agora, porque é muito triste. Mas o pato que não aprende a ser livre acaba virando pato doméstico.

– O que é isto, pato doméstico? – perguntou um dos patinhos com um bocadinho de medo.

– A gente fica doméstico quando arranja um dono.

– E o que é isso? – perguntou Taco.

– Entre nós, bichos, não havia dono. Ninguém era dono de ninguém. Ninguém era animal doméstico. Foram os homens que inventaram isto. Vieram os homens com laços e redes e puseram os animais dentro de cercados e os obrigaram a trabalhar para eles.



Eles não aprenderam a liberdade.
Foram domesticados.

Taco, nesta hora, estava mais interessado em acompanhar o vôo de uma borboleta. Foi quando um bando de pardais passou, fazendo algazarra, com um convite:

– Vamos brincar de pega?

Taco, cansado com o “papo-furado” do pai, saiu correndo e desapareceu. Foi atrás dos pardais. Brincar, na verdade, era a única coisa que lhe interessava.

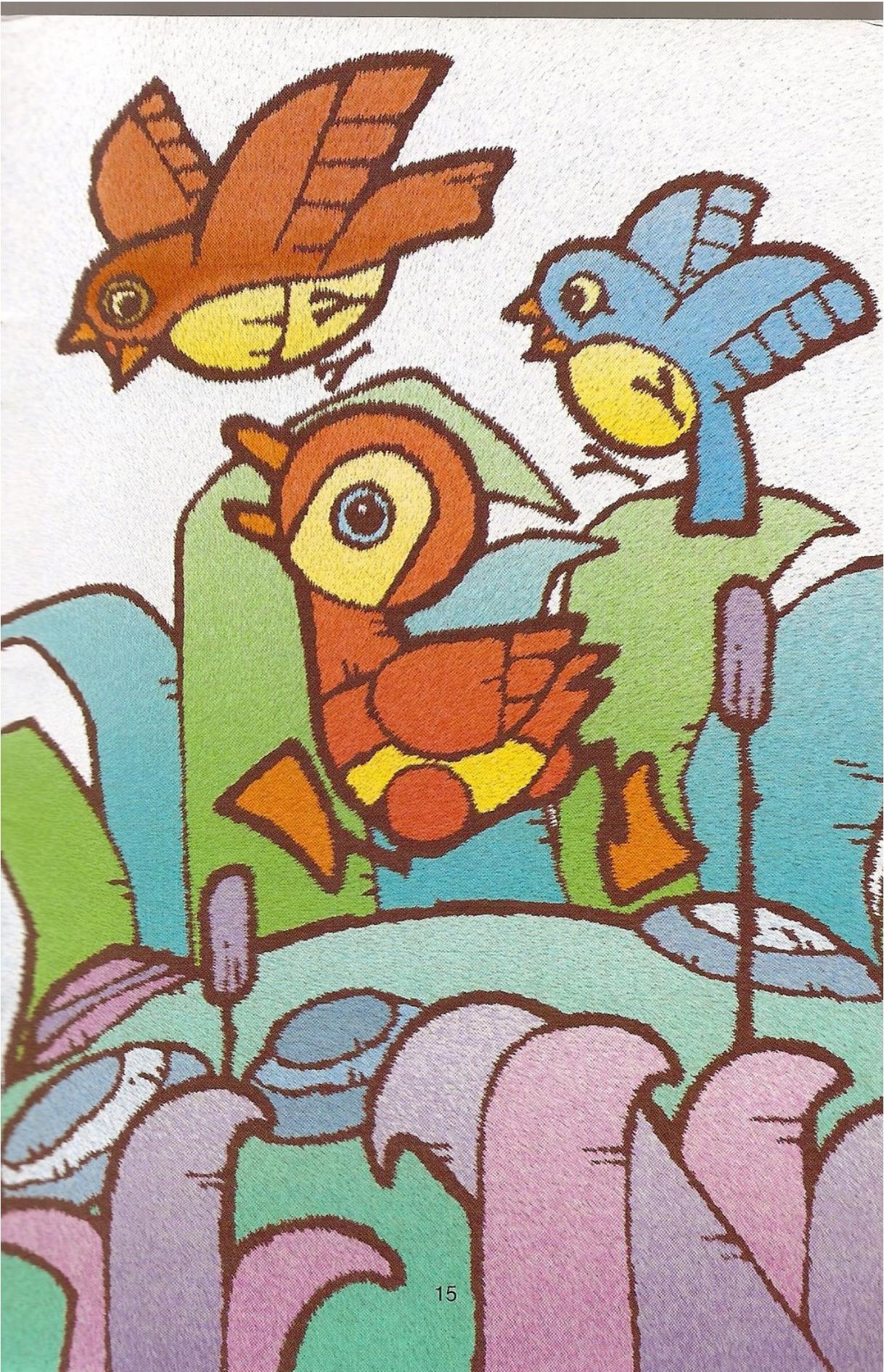
“Meu pai se preocupa demais com a vida”, ele pensou.

“Ainda há muito tempo. Depois eu penso nesta coisa chamada liberdade. A vida é muito boa...”

Os outros patinhos começaram o treinamento.

Passavam horas a fio batendo as asas. Suas asas deveriam ser fortes para voar por muito tempo. Aprenderam a respirar fundo porque, para voar nas alturas, precisariam de muito ar. Seu pai lhes ensinou a voar sem esbarrar uns nos outros. E assim o tempo foi passando. Ficavam cansados. E tinham muita inveja do Taco, despreocupado.





O tempo passou.

O inverno foi chegando, aos poucos. O sol se escondia mais cedo. As folhas das árvores começaram a cair. A comida foi ficando mais difícil. Taco notou que não havia mais companheiros para a brincadeira... parecia que todos haviam se escondido. Bandos de patos selvagens começaram a passar, voando lá nas alturas, perto das nuvens. Estavam de viagem, indo para onde era mais quente, para onde havia mais comida. Ele notou que sua família também se preparava para a viagem.

Chegara a hora que ele pensara nunca haveria de chegar. E ele começou a ter medo. Ele nunca havia treinado para ser livre. Nunca havia voado nas alturas. Apalpou os músculos de suas asas. Eram fraquinhos, murchos... mas era tarde demais.



Chegou o dia da partida. Toda a família se reuniu e veio a ordem:

– Bater as asas...

Todos começaram a bater suas asas para esquentar o corpo.

– Voar – grasnou o pai.

Todos se elevaram.

Menos o Taco. Seu pai o viu, sozinho, no chão. Disse à mãe que continuasse.

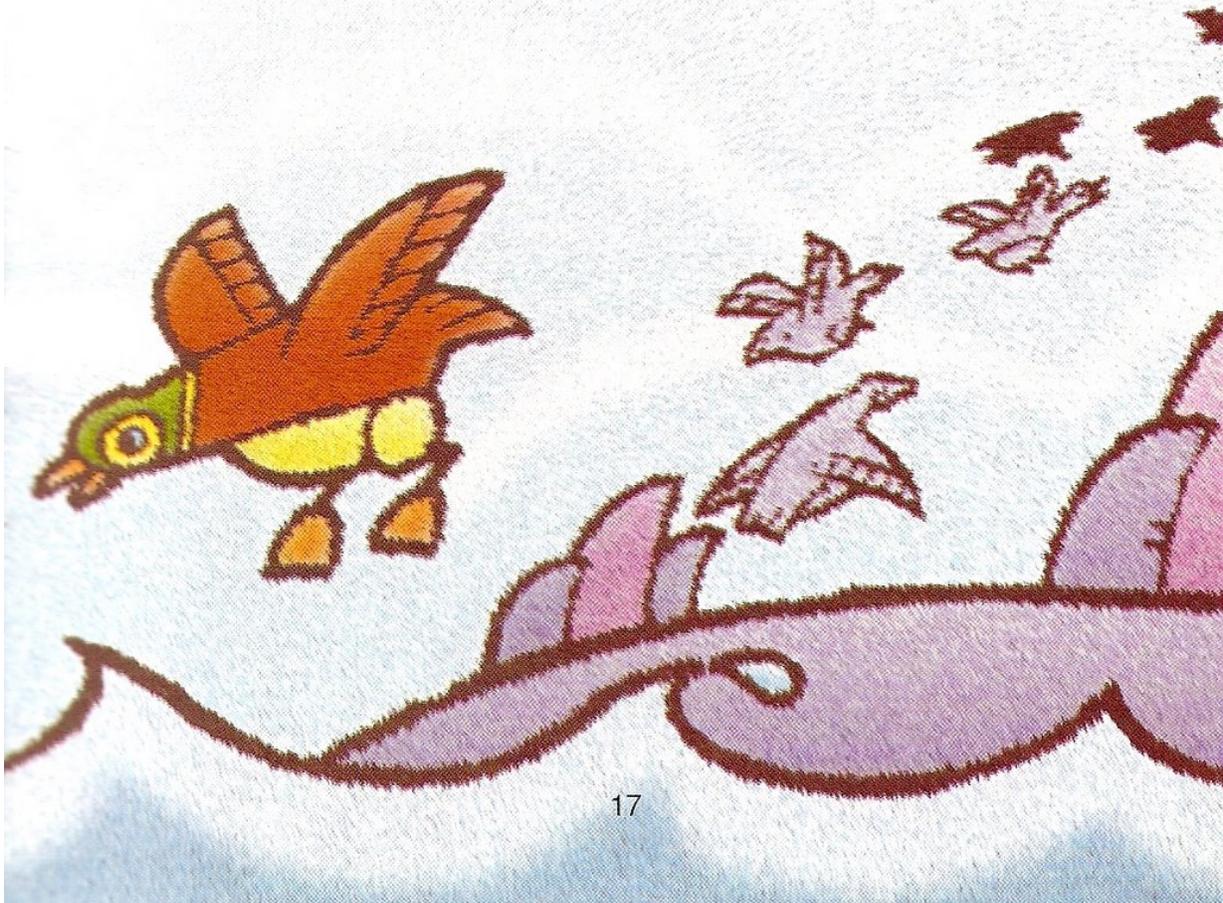
Haveriam de se encontrar depois.

Ele tinha de ficar para proteger o filho que não treinara para a liberdade.

Fez uma longa curva e voltou.

Taco não conseguia mesmo voar.

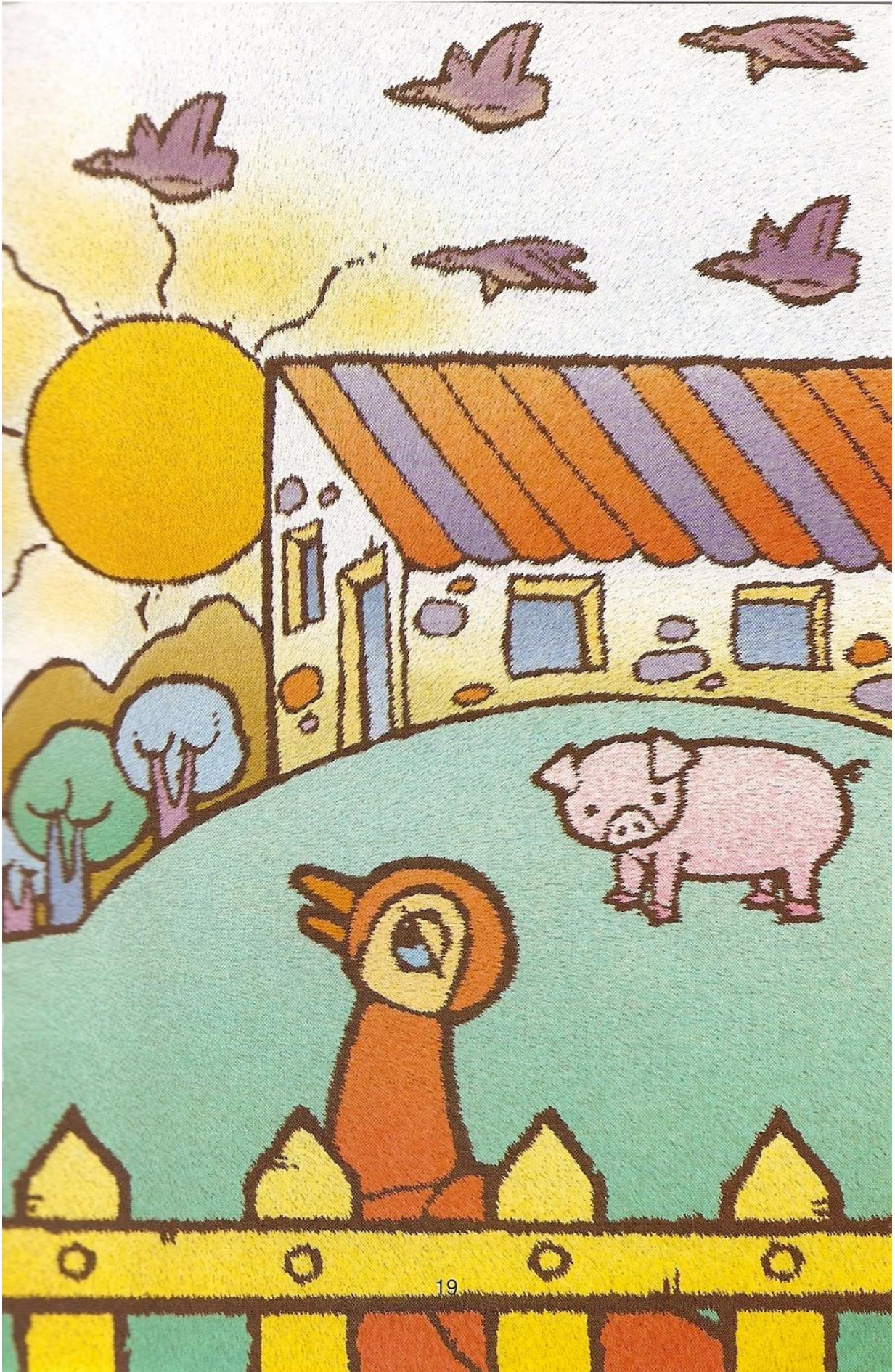
O remédio era ficar, na esperança de que conseguiriam sobreviver.



A comida faltava. O pai tinha de voar longas distâncias para buscar comida. Aí chegaram os caçadores. Ninguém os viu. Só se ouvia o trovão de suas espingardas, ao longe. Um dia seu pai saiu e não voltou mais. Aí os caçadores apareceram, com seus laços e redes, em busca dos animais que poderiam ser domesticados. Taco tentou fugir, nadando. Mas uma grande rede redonda caiu sobre ele.

Foi levado para um sítio e bem tratado. A vida não era má. Ele tinha milho à vontade. Mas, uma de suas asas foi cortada para não voar. E foi colocado atrás de uma cerca. Havia se transformado num pato doméstico. Foi engordando, engordando... Quando o inverno ia chegando, ouvia o grasnar dos patos selvagens, voando lá nas alturas, brilhando sob a luz do sol.





Foi só então que ele compreendeu o que o seu pai lhe havia dito. Sentia um desejo profundo, lá no fundo, coisa doída parecida com saudade. Queria voar, voar com todos os patos selvagens.

Por um momento esqueceu-se de tudo. Abriu suas asas, bateu-as com toda a força de que era capaz. Chegou até a levantar os pés do chão. Mas era inútil. Muito gordo, músculos moles, asa cortada. Era um pato doméstico.

O pato selvagem só vivia lá dentro do seu coração, como um grande desejo.

Duas grossas lágrimas rolaram pela sua face.

Mas elas não adiantavam de nada.

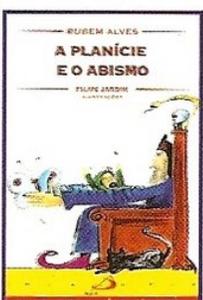
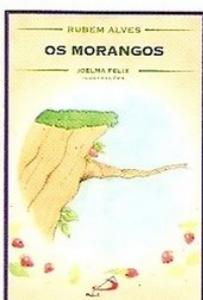
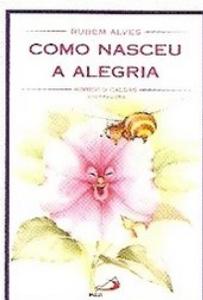
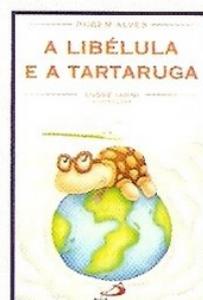
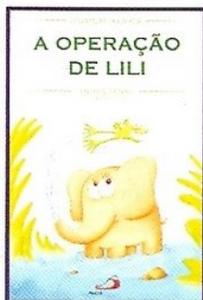
Nesta hora, abriu-se a porta do cercadinho e o seu dono jogou um punhado de milho.

Mas ele não tinha fome.



Esta estória é sobre liberdade.
Talvez que sejam os pais, mais que os filhos,
aqueles que sentem a angústia...
O que se quer dizer é que a liberdade do vôo
é uma dádiva da disciplina...
Meus amigos me disseram que esta estória
se presta a mal-entendidos do tipo:
“Está vendo, meu filho
o que acontece aos menininhos
que não obedecem aos seus pais?”
Para evitar este perigo,
imaginei que eu deveria dizer
que quem está contando a estória
é um imenso pato gordo,
num quintal onde há abundância de milho,
e que um dia o seu filho,
vendo um ar de tristeza no seu rosto,
lhe perguntou:
– Por que é que você está triste, papai?
E ele lhe tivesse contando a estória,
sua própria estória.
É estória da liberdade
que nós, pais, patos gordos perdemos...
Bem que gostaríamos de voar de novo
nas asas dos nossos filhos.
Se eles não engordarem como nós...

RUBEM ALVES e PAULUS Editora
apresentam outras
Estórias para pequenos e grandes



ISBN 85-349-0087-4



9 788534 900874